Do mar à terra: (no caminho d)a *escrevivência* poética de Olinda Beja

From sea to land: (on the path of) the poetic *escrevivência* of Olinda Beja

Del mar a la tierra: (en el camino de la) *escrevivência* poética de Olinda Beja

Alex Bruno Oliveira Silva
https://orcid.org/0009-0002-6785-3473
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Elyane Jayrla Castro da Costa
https://orcid.org/0009-0007-4120-1422
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Resumo

Neste artigo, tem-se por objetivo analisar de que modo os poemas *Ancestralidade* e *Raízes*, de Olinda Beja, incorporam aspectos da *escrevivência*, conceito formulado por Conceição Evaristo. O estudo se justifica pela necessidade de fortalecimento das pesquisas sobre a literatura afrodiaspórica, cuja inserção no ensino é prevista na legislação brasileira, bem como por dar visibilidade a uma produção ainda marginalizada no cânone literário, neste caso, de autoria de uma escritora negra em diáspora. A investigação parte de uma abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, articulando a leitura dos textos poéticos também às discussões sobre identidade cultural, tempo espiralar e afrocentricidade do sujeito afrodiaspórico. A análise evidencia que a poética de Olinda Beja mobiliza a memória ancestral como elemento estruturante, configurando uma escrita que ultrapassa o âmbito individual e se inscreve como expressão coletiva. Nos poemas, a ancestralidade manifesta-se como presença viva, continuamente atualizada no presente, revelando uma articulação entre experiência, memória e linguagem. Desse modo, conclui-se que a escrita de Olinda Beja se aproxima da *escrevivência* ao reinscrever, na linguagem poética, vivências diaspóricas e processos de construção identitária, contribuindo para a valorização das literaturas afrodiaspóricas e para a ampliação de perspectivas críticas no campo literário.

Palavras-chave: Olinda Beja, *escrevivência*, literatura diaspórica.

Abstract

This article aims to analyze how the poems *Ancestralidade* and *Raízes*, by Olinda Beja, incorporate aspects of *escrevivência*, a concept formulated by Conceição Evaristo. The study is justified by the need to strengthen research on Afro-diasporic literature, whose inclusion in school curricula is provided for by Brazilian legislation, as well as by giving visibility to a body of work that remains marginalized within the literary canon, in this case authored by a Black woman writer in diaspora. The investigation adopts a qualitative and interpretative approach, linking the reading of the poetic texts to discussions of cultural identity, spiral time, and the Afrocentricity of the Afro-diasporic subject. The analysis reveals that Olinda Beja's poetics mobilizes ancestral memory as a structuring element, constituting a form of writing that transcends the individual sphere and emerges as a collective expression. In the poems, ancestry manifests itself as a living presence, continuously renewed in the present, revealing an articulation between experience, memory, and language. Thus, it can be concluded that Olinda Beja's writing resonates with *escrevivência* by reinscribing diasporic

experiences and processes of identity construction in poetic language, thereby contributing to the appreciation of Afro-diasporic literatures and to the expansion of critical perspectives in the literary field.

Keywords: Olinda Beja; *escrevivência*; diasporic literature.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar de qué manera los poemas *Ancestralidade* y *Raízes*, de Olinda Beja, incorporan aspectos de la *escrevivência*, concepto formulado por Conceição Evaristo. El estudio se justifica por la necesidad de fortalecer la investigación sobre la literatura afrodiaspórica, cuya incorporación en la educación está prevista por la legislación brasileña, así como por visibilizar una producción todavía marginada dentro del canon literario, en este caso, de autoría de una escritora negra en diáspora. La investigación adopta un enfoque cualitativo e interpretativo, articulando la lectura de los textos poéticos con debates sobre identidad cultural, tiempo espiral y afrocentricidad del sujeto afrodiaspórico. El análisis evidencia que la poética de Olinda Beja moviliza la memoria ancestral como elemento estructurador, constituyendo una forma de escritura que trasciende el ámbito individual y se afirma como expresión colectiva. En los poemas, la ancestralidad se manifiesta como una presencia viva, continuamente actualizada en el presente, revelando una articulación entre experiencia, memoria y lenguaje. De este modo, se concluye que la escritura de Olinda Beja se aproxima a la *escrevivência* al reinscribir, en el lenguaje poético, vivencias diaspóricas y procesos de construcción identitaria, contribuyendo a la valorización de las literaturas afrodiaspóricas y a la ampliación de perspectivas críticas en el campo literario.

Palabras clave: Olinda Beja; *escrevivência*; literatura diaspórica.

Introdução

[...] Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,
não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.
Evaristo, C. (2008).

Nos últimos tempos, a literatura, assim como outros campos culturais, tem passado por uma grande transformação no que diz respeito à produção, haja vista a diversidade de escritores - negros, latinos, africanos, da diáspora, entre outros - que ocupam a cena literária, inscrevendo autênticas propostas de reinvenção da palavra que tensionam constantemente as margens do cânone.

Dentre essas novas formas do fazer literário, inseridas no âmbito da pós-colonialidade[1], destaca-se a literatura de diáspora que focaliza a experiência do deslocamento e seus reflexos. Considerando a finalidade deste trabalho, talvez fosse importante definir o que é literatura diaspórica, porém é mais apropriado e produtivo, conforme Braga (2014) aponta, pensar em *espaço literário diaspórico*, no nosso caso como "aquele que tende a apresentar articulações de noções pertinentes à diáspora em uma combinação que transita entre o literário e o extraliterário" (Braga, 2019, p. 96).

No contexto da literatura de São Tomé e Príncipe, destaca-se a produção literária de Olinda Beja, escritora da diáspora santomense que aos 37 anos redescobre a sua ilha natal e dedica-lhe as suas obras, tendo atualmente dezenas de livros publicados, entre poemas, contos, romances e infanto-juvenis (CELP, 2023). Beja tem atuado como Embaixadora da Cultura Santomense, dividindo o seu tempo entre Portugal[2] e o país insular e correndo o mundo para falar das ilhas (CELP, 2023).

Esse movimento de Beja para espalhar a boa nova santomense, propondo uma reeducação literária - descolonizada e afrocentrada, vai ao encontro do que afirma Rufino (2021), que reflete sobre o destronamento do cânone como caminho possível para o recentramento das margens:

> Uma das tarefas que aposto, de uma educação que se faz como descolonização, passa pela emergência de desaprender do cânone. Essa desaprendizagem não perpassa pela negação de determinadas presenças e saberes, mas pelo destronamento. [...] A desaprendizagem como ato político e pedagógico se insere na capacidade de recuperação de sonhos e no alargamento de subjetividades que foram e são assombradas pelo desencanto (Rufino, 2021, p. 17).

Os sonhos que se quer recuperar e as subjetividades que se quer alargar são perseguidos por Olinda Beja na construção de sua poética, marcada pela experiência diaspórica. O mar e a mátria (a ilha) são percorridos pela escritora, muito sensivelmente, em *Ancestralidade* e *Raízes*, os dois poemas selecionados para compor o *corpus* de análise desta pesquisa.

[1] Segunda Braga (2019), a pós-colonialidade é definida como uma condição que se caracteriza, dentre outros aspectos, por um panorama de deslocamentos e realocações, concretos ou abstratos, nascidos do processo de colonização, perdurando após a independência das colônias no século XX.

[2] Fontes indicam que atualmente Olinda Beja reside em Portugal, apesar de ter uma casa em São Tomé e Príncipe.

O primeiro poema está publicado na obra *Literaturas Insulares: Leituras e Escritas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe*, organizada por Margarida Calafate Ribeiro e Silvio Renato Jorge e publicada em 2011; o segundo, por sua vez, compõe o livro *Aromas de Cajamanga*, autoral de Beja, publicado em 2009. Assim, a seleção dos dois textos sustenta a primeira parte do título[3] dado a este artigo, na medida em que se parte do mar, em *Ancestralidade*, para a terra, em *Raízes* - num tempo em espiral, conforme veremos mais adiante.

Este trabalho se justifica frente à necessidade de se fomentar estudos sobre a cultura afrodiaspórica, cuja obrigatoriedade do ensino foi estabelecida em lei no Brasil, refletindo-se nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Também se justifica por se voltar para a produção de uma literatura que está à margem do cânone (eurocentrado), produzida por uma escritora mulher, negra e em diáspora; bem como por se configurar como um movimento decolonial, na medida em que propõe descolonizar a prática de crítica literária, que tradicionalmente está fundada em uma visão eurocêntrica.

Assim, objetiva-se analisar de que modo os poemas *Ancestralidade* e *Raízes*, de Olinda Beja, incorporam aspectos da *escrevivência*, conceito formulado por Conceição Evaristo.

Para ampliar a discussão em torno das nuances desse conceito-chave, buscou-se apoio nas reflexões teóricas de Hall (2003; 2006) para pensar a questão da identidade cultural no âmbito da diáspora, de Martins (2021) para analisar a Ancestralidade a partir das performances do *tempo espiralar* e de Asante (2009) para discutir a Afrocentricidade do sujeito africano diaspórico, inscrevendo, pois, este trabalho dentro de uma epistemologia afrocentrada e afrorreferenciada.

No que concerne à metodologia do trabalho, realizou-se a análise e interpretação dos poemas, buscando-se, em um primeiro momento, localizar os atributos da *escrevivência* e, na sequência, examiná-los dentro da configuração do texto, partindo do pressuposto de que o eu-lírico poético, que é coletivo, resgata/regressa à sua ancestralidade para melhor compreender onde ele se encontra em meio a tantos deslocamentos.

A relevância deste trabalho reside no fortalecimento da *escrevivência* enquanto termo-chave para refletir sobre a literatura negra e afrodiaspórica, em se considerando que

[3] Título: *Do mar à terra: (no caminho d)a escrevivência poética de Olinda Beja*.

tal literatura não encontra elementos suficientes e adequados na tradição da crítica literária de base eurocêntrica para se pensar o negro e a diáspora numa perspectiva afrocentrada. Assim sendo, contribuir para o estabelecimento e a disseminação deste conceito dentro dos estudos literários permitirá uma renovação da Teoria Literária que, atualmente, tem de lidar com novas autorias e demandas literárias e sociais.

Este artigo está dividido em quatro seções, sendo: "Introdução", que objetiva situar o cenário da literatura diaspórica, contribuindo para ampliar o conhecimento sobre esse campo literário; o referencial teórico, intitulado "Porto de partida", que discute a *escrevivência*, conceito formulado por Conceição Evaristo, como escrita de memória ancestral e dimensão coletiva, em diálogo com os poemas *Ancestralidade* e *Raízes*, de Olinda Beja - para sustentação, mobiliza-se a concepção de identidade cultural, proposta por Stuart Hall, e o conceito de t*empo espiralar*, de Leda Maria Martins; na sequência, desenvolve-se a análise sob o título "*Escrevivência* em Beja: atravessando sentidos", desdobradas nas subseções "Lendo o poema *Ancestralidade*" e "Lendo o poema *Raízes*", no qual propomos que a experiência afrodiaspórica de Olinda Beja reverbera em sua escrita, deslocando-a do âmbito individual, para uma dimensão coletiva que mobiliza a memória ancestral; e, por fim, as "Considerações Finais", em que se observa a importância do projeto literário de Olinda Beja ao proporcionar a difusão e dar visibilidade à literatura de autoria negra e afrodiaspórica santomense.

1. Porto de partida

Olinda Augusta de Pinho Beja, conhecida no espaço literário como Olinda Beja, nasceu em 1946, na Roça Rio do Ouro, localizada em Guadalupe, ilha de São Tomé, integrante do arquipélago de São Tomé e Príncipe. À época de seu nascimento, o território ainda era colônia de Portugal, tendo conquistado a sua independência somente em 1975. A escritora experimentou a condição diaspórica desde muito cedo, tendo em vista que com quase três anos de idade mudou-se para Portugal.

Essa vivência precoce entre diferentes espaços geográficos, Portugal e São Tomé e Príncipe, e o contato simultâneo com culturas distintas a inscreveu em um lugar de entrecruzamento. Essas experiências, atravessadas pela tensão entre o pertencimento e o estranhamento, viriam a desempenhar um papel fundamental na construção de sua produção literária.

É nesse entrelaçamento entre vida, memória e identidade que se estabelece um ponto de intersecção com o conceito de *escrevivência*, formulado pela escritora e pesquisadora Conceição Evaristo. A respeito, em *A escrevivência e seus subtextos*, depoimento resultante de um encontro virtual ocorrido em 25 de julho de 2020 com outros pesquisadores, a escritora comenta que o termo *escrevivência* encontra-se ancorado na figura da Mãe Preta, aquela que, durante o período escravocrata, era incumbida da criação dos filhos dos senhores da casa-grande.

Nessa condição, cabia-lhe não apenas o preparo dos alimentos, o exercício da função de mãe de leite e o ensino das primeiras palavras, mas também o desempenho de um papel fundamental, o de narrar histórias para adormecer os da casa-grande. Ainda que tivesse o corpo e a voz submetidos ao controle senhorial, era por meio dessas narrativas que essa mulher preservava e transmitia saberes, memórias e estratégias de resistência, inscrevendo, na oralidade, marcas de uma experiência coletiva que atravessa o tempo.

Deste modo, conforme observado anteriormente, a inspiração de Conceição Evaristo se instaura na imagem desta mulher que foi historicamente silenciada, mas que no presente reivindica não apenas a voz, como também a escrita, a palavra que resgata as memórias e identidade, sem, contudo, prescindir a força da oralidade herdada de seus ancestrais. Destarte, a e*screvivência* não serve mais para trazer conforto àqueles que oprimem, e sim para acordá-los de seus privilégios e injustiças cometidos em desfavor do povo negro.

Nesse sentido, embora se ancore na experiência afro-brasileira, o conceito de *escrevivência* projeta-se para além dela, dialogando com tradições mais amplas da cultura africana e afrodiaspórica. Ainda que Conceição Evaristo parta da figura da Mãe Preta e de todo o histórico de violência física e simbólica sofrido por essas mulheres, sua formulação encontra ressonância nas narrativas contadas por ela mesma, do mesmo modo que os poemas de Olinda Beja, aqui analisados, constroem-se a partir de suas memórias e de sua trajetória diaspórica que contam histórias não apenas de vivências pessoais, mas de uma memória coletiva da diáspora africana. Assim, a *escrevivência* afirma-se como expressão de uma subjetividade negra atravessada pela diáspora, pela busca de pertencimento e pela ancestralidade.

Em *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*, Leda Maria Martins (2021) elabora os conceitos de *tempo espiralar* e *encruzilhada*, significativos para a compreensão das dinâmicas culturais e temporais que atravessam a diáspora africana. Para Martins (2021), passado, presente e futuro não se organizam segundo uma lógica linear, mas

se entrelaçam continuamente, como em um *tempo espiralar*. A temporalidade é marcada pela circularidade e pelo retorno, em que experiências passadas são revisitadas, ressignificadas e reinscritas no presente.

Ao refletir sobre o conceito de *encruzilhada*, Martins (2021) a define como um espaço de confluência e deslocamento, no qual diferentes pontos se cruzam, produzindo influências mútuas quanto às rupturas. Trata-se, portanto, de um lugar em que coexistem unidade e pluralidade, sendo, simultaneamente o lugar de chegada para uns e partida para outros, sendo produtora de linguagem e construtora de sentidos novos, sempre em movimento e não se fixando a um único lugar. Assim, infere-se que o sentido de encruzilhada se manifesta no modo de existir e criar, ligado às tradições afrodiaspóricas, às experiências de travessias e à afirmação da ancestralidade.

Desta maneira, Leda Maria Martins propõe uma concepção de temporalidade que rompe com a linearidade, evidenciando a articulação entre passado, presente e futuro como dimensões interdependentes. Assim, a *encruzilhada*, associada ao *tempo espiralar*, permite compreender como diferentes temporalidades e experiências se entrelaçam na construção do sujeito e de sua memória.

Tal perspectiva pode ser aplicada aos poemas *Ancestralidade* e *Raízes*, de Olinda Beja, nos quais o sujeito poético se constitui nesse entre-lugar marcado pela confluência de temporalidades e experiências. Em *Ancestralidade*, destaca-se a recorrência de imagens ligadas ao movimento, como o mar e as ondas, propondo uma dinâmica de retorno, em que a memória não permanece estática, mas se reinscreve continuamente na experiência do eu-lírico. Já em *Raízes*, embora o presente se apresente como espaço de permanência, o passado é convocado como força estruturante, evidenciando que a ancestralidade atua como força viva.

Desse modo, os poemas materializam uma escrita que se aproxima da *escrevivência*, conforme proposto por Conceição Evaristo, ao transformar vivências individuais em expressão de uma memória coletiva, na qual o tempo, longe de ser linear, se organiza como fluxo contínuo de lembrança, experiência e reinscrição. É por meio dessa escrita que o sujeito poético afirma sua identidade, recupera vozes silenciadas e estabelece conexões com uma memória coletiva, transformando a linguagem em espaço de resistência, pertencimento e continuidade.

Em consonância com o conceito de *escrevivência*, ao pensar a identidade cultural, Stuart Hall a concebe como uma construção histórica e discursiva, atravessada por processos

de memória e representação. Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, Hall (2006) apresenta três concepções de sujeitos desenvolvidas ao longo dos séculos, a saber: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O primeiro fundamenta-se na ideia de um sujeito centrado, unificado e dotado de capacidades racionais, de consciência e de ação. O segundo, o sujeito sociológico emerge em resposta à crescente complexidade do mundo moderno; o núcleo interior do sujeito não é autônomo, mas constituído nas relações com outras pessoas. Por fim, o sujeito pós-moderno rompe com a ideia de unidade, sua identidade não é fixa ou estável, mas fragmentada, instável e continuamente (re)construída a partir de outras práticas culturais.

Para ilustrar essa última concepção, de sujeito pós-moderno, Hall, em sua obra *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), utiliza o Caribe, região profundamente marcada pelo colonialismo, pela escravidão e pelo deslocamento forçado de populações africanas. Desse modo, a identidade cultural caribenha não se configura como fixa ou estável, mas foi se formando por meio de encontros, conflitos e negociações com diferentes matrizes culturais, especialmente aquelas oriundas das potências colonizadoras, como: Espanha, Inglaterra, Holanda e França. Portanto, há a construção de um sujeito fragmentado, que nasce da confluência de línguas, religiões e práticas culturais diversas.

Assim, é possível inferir que as culturas diaspóricas se constituem por meio de um processo contínuo de reelaboração de suas experiências históricas, no qual as narrativas do passado são revisitadas e transformadas. Esse movimento permite não apenas a reconstrução de identidades, mas também a emergência de memórias que foram historicamente apagadas pelo regime escravocrata, abrindo espaço para outras formas de pertencimento. Nessa lógica, o passado deixa de ser concebido como uma instância fixa e imutável, passando a ser entendido como um campo em permanente reconstrução, reinterpretado a partir das demandas e perspectivas do presente.

Logo, a *escrevivência* é o eixo central para compreender a relação entre memória, identidade e linguagem em contextos afrodiaspóricos. Ao conceber a escrita como expressão indissociável da experiência vivida, Conceição Evaristo desloca a literatura de um campo meramente estético para um espaço de inscrição de histórias, saberes e subjetividades historicamente silenciadas. Nessa perspectiva, a *escrevivência* opera como prática de resistência e de reconstrução identitária, na medida em que transforma vivências individuais em narrativas coletivas.

Essa perspectiva aproxima-se da concepção de identidade cultural proposta pelo teórico Stuart Hall, para quem a identidade cultural não é estática, mas construída historicamente por meio de processos de representação, memória e diferença. A *escrevivência*, portanto, pode ser compreendida como o lugar onde essa identidade em construção se materializa, isto é, onde o sujeito diaspórico reinscreve sua experiência e negocia seu pertencimento.

Esse caráter dinâmico da identidade, evidenciado pela *escrevivência*, encontra aprofundamento no conceito de *tempo espiralar*, de Leda Maria Martins. Ao propor uma temporalidade não linear, o *tempo espiralar* permite compreender que a memória ancestral não se restringe ao passado, mas se atualiza continuamente no presente, sendo reativada pela experiência e pela linguagem. Assim sendo, a *escrevivência* se configura como prática que mobiliza esse movimento espiralar, uma vez que, ao narrar a experiência, o sujeito revisita, ressignifica e reinscreve memórias coletivas. E é nos poemas *Ancestralidade* e *Raízes*, de Olinda Beja, que essa articulação entre *escrevivência*, identidade e temporalidade se materializa.

2. *Escrevivência* em Beja: atravessando sentidos

Conforme mencionado anteriormente, Olinda Beja, para além de escrever sobre a diáspora, também vivenciou a experiência de deslocamento e o atravessamento de culturas distintas, entre São Tomé e Príncipe, Portugal e Suíça, fato que reverbera na produção de sua literatura. A par disso, pensar a sua poética sob o prisma da *escrevivência* revela uma dimensão política e intercultural do fazer literário que está em grande evidência na atualidade.

A escolha dos poemas *Ancestralidade* e *Raízes* justifica-se pelo recorte teórico adotado neste trabalho - a escolha da *escrevivência* como base teórica para a leitura analítica, e também em razão de os dois textos discutirem a questão de pertencimento e identidade a partir de um contexto pós-colonial pelo qual passou a ilha de São Tomé e Princípe. Nesse sentido os dois textos literários materializam, em diferentes perspectivas temporais, os modos pelos quais a memória e a ancestralidade se inscrevem na experiência do sujeito.

O poema *Ancestralidade* evoca o passado como força transformadora do tempo presente; as memórias ali apresentadas não são estáticas, mas retornam e se reconfiguram no corpo já adulto. Em *Raízes*, por sua vez, o tempo representado é o presente, marcado pela

permanência. Contudo, o tempo passado é mobilizado para convocar os ancestrais. A raiz, nesse contexto, simboliza a ancestralidade que se fixa na terra de maneira firme e sustenta a árvore diante de quaisquer intempéries.

2.1. Lendo o poema *Ancestralidade*

O poema *Ancestralidade* é composto por apenas uma estrofe, constituída de 17 versos livres, podendo ser classificado como um poema de estrutura irregular. O título da obra já adianta a temática que será tratada: a ancestralidade, a partir da perspectiva do eu-lírico em diáspora que evoca o "tempo" ao longo de todo o texto.

O poema inicia com uma revelação importante: "o tempo parou a esquina do meu corpo", permitindo-nos afirmar que o corpo é território de inscrição da memória. O tempo que para na esquina do corpo revela, assim, marcas, feridas e também sinaliza cruzamentos, como sugere a palavra "esquina", que remete à ideia de lugar - de (des)encontros e atravessamentos, dialogando com a encruzilhada elaborada por Martins (2021).

Toda essa recuperação da memória via arquivo do corpo dialoga fortemente com a *escrevivência* proposta por Conceição Evaristo, uma vez que tal prática se fundamenta na experiência vivida, ultrapassando, aliás, a dimensão da individualidade, posto que a *escrevivência* reflete a experiência de toda uma coletividade. Essa pluralidade de vozes pode ser notada ao longo de *Ancestralidade* por meio de expressões como "imagens retidas", "minhas vidas", "minha ancestralidade" e "eco da voz", que revelam uma identificação do eu-lírico com aqueles que vieram antes dele, seus ancestrais.

Ancestralidade
Olinda Beja

o tempo parou na esquina do meu corpo
contornou as imagens retidas no espelho. Afinal o mar
estava ali a espaços de mim. Em cada onda
pressentia o espraiar da infância
o deslizar do aroma
gotejar de ferida aberta à invasão dos sentidos. Onde
estava eu a reinventar o tempo? Do outro lado da muralha
o vento despenteia imagens que guardei na canoa
das minhas vidas. Ele sabe que o regresso
já não é palavra adiada no desfolhar do livro da utopia
agora o tempo é escasso para o reencontro
as horas adormecidas ao compasso das ondas

volteiam e reacendem
a minha ancestralidade. Estendem-se mar adentro
e trazem-me o eco da voz que eu tinha apenas
adormecida no peito
voltei... *pagá dêvê*[4]*!*

Ademais, a composição poética de *Ancestralidade* é atravessada por um léxico fortemente ancorado no campo semântico da natureza, evidenciado por palavras como "mar", "onda", "vento", "desfolhar", "aroma", "gotejar", "canoa" e "mar adentro". Esses elementos naturais ambientam o poema e também constroem uma escrita que emerge da experiência vivida e da memória ancestral, aproximando-se do conceito de *escrevivência*. Deste modo, a natureza deixa de ser apenas um mero cenário para se construir como um espaço de lembranças e transmissão de saberes.

O "mar" (v. 2) pode ser interpretado como metáfora da travessia diaspórica, em que o eu-lírico reinscreve de maneira simbólica o retorno a uma origem ancestral, ao passo que a "onda" (v. 3) sugere um movimento contínuo, reforçando a ideia de retorno e a reinscrição dessas experiências que permanecem adormecidas. Portanto, as palavras "mar" e "onda", elementos da natureza, configuram-se como expressões metafóricas desse corpo atravessado pela memória e sua historicidade, funcionando como um arquivo sensível no qual se preservam e se atualizam as marcas de sua ancestralidade.

Dialogando com Conceição Evaristo, ao pensar o conceito de *tempo espiralar*, de Leda Maria Martins, interpreta-se que a imagem das ondas, que nunca atravessam o mesmo mar, evoca um movimento cíclico, fluido e irrepetível, reforçando a ancestralidade como retorno que se refaz na experiência do sujeito. Esse movimento é reforçado pelo uso dos sons das consoantes "m" e "n", produzindo efeito acústico que remete ao canto, embalo, sussurro. Há, portanto, uma ambiência próxima à oralidade e aos ritos afrodiaspóricos.

O poema também é marcado por outro conjunto lexical, campo semântico da memória e da infância, nos apresentado por expressões como "imagens retidas", "infância", "ferida aberta", "imagens que guardei", "voz adormecida", "adormecida no peito" e "eco". Assim, é possível inferir que o eu-lírico retorna às experiências guardadas, acionando aquilo que permanecia silenciado em seu interior. Essa ideia é reforçada nos versos finais "o eco da voz que eu tinha apenas / adormecida no peito", que, embora adormecida, preserva a potência do retorno de seus ancestrais.

[4] Fonte: Literaturas Insulares: Leituras e Escritas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, 2011.

Deste modo, em *Ancestralidade* observamos que o passado é retomado para reconstruir e ressignificar o presente, movimento que remete à lógica do tempo espiralar, conceito formulado por Leda Maria Martins (2021). O título já antecipa a centralidade da temática a ser abordada, que se orienta pelo regresso à memória. O uso de verbos no pretérito, como: "parou", "contornou", "estava", "pressentia" e outros, reforça o gesto de retorno, uma vez que a ancestralidade se manifesta como retomada ativa das experiências inscritas no corpo e na memória, algo fundamental para compreendermos a diáspora africana. Portanto, a ancestralidade não se apresenta como elemento estático, mas como dinâmica que reconfigura o presente.

Retomando Leda Maria Martins (2021), vemos que nas cosmologias africanas o corpo e a natureza são entendidos como espaços onde o sagrado se manifesta. Eles fazem parte de um mesmo ciclo de significados, marcado pela força da ancestralidade, pela dimensão espiritual e pela performatividade que atravessa gestos, ritmos e movimentos. Nesse sentido, ao poetizar "o tempo parou na esquina do meu corpo" (v. 1) que há um "gotejar da ferida aberta à invasão dos sentidos" (v. 6) e que retorna "o eco da voz que eu tinha apenas/ adormecida no peito" (v. 15 e 16), o eu-lírico revela que guarda imagens e memórias inscritas em seu próprio corpo, carregando feridas profundas que são reativadas pelo movimento das ondas e pelo fluxo da natureza que o atravessa. Portanto, o corpo se reconfigura como o sagrado sendo atravessado pelo rito, pelo caminho e pela herança legada pelos ancestrais.

Na construção do poema, nota-se outro ponto de conexão com o tempo espiralar de Martins (2021) e a ancestralidade de Evaristo (2020): a ausência de inicial maiúscula e de ponto final reforça a ciclicidade do movimento da vida, a não-linearidade do tempo e a memória que é recuperada no passado e ressignificada no presente para transformar o futuro, colocando esses três tempos em relação de interdependência e não de forma hierarquizada.

A não marcação do que seria o início e fim do texto também se dá metaforicamente, por meio da imagem das ondas do mar, que realizam um movimento irrepetível e se traduzem como força viva e pulsante, tal como a poética de Beja. Pensar, inclusive, os versos do poema como ondas que não se repetem e que se relacionam entre si permite visualizar a vivacidade do texto afrodiaspórico, que, assim como o mar, também está em movimento, em deslocamento.

Em *Ancestralidade* observamos que não há uma história individualizada, mas um conjunto de memórias que se constroem de forma coletiva, compartilhadas por toda uma

comunidade. Esse aspecto é evidenciado nos v. 8 e 9 “que guardei na canoa / das minhas vidas”, que opera metaforicamente como símbolo da memória e da ancestralidade, remetendo à travessia diaspórica e à circulação de saberes. No plural, a expressão “minhas vidas” indica a experiência das mulheres negras. Deste modo, o eu-lírico fala de um lugar que ultrapassa a individualidade, reinscrevendo na escrita, memórias que pertencem a uma coletividade. Esse gesto culmina com a expressão “pagá dêvê” convocando a língua materna como um gesto de pertencimento, retorno e continuidade, sendo assim uma voz que ao mesmo tempo é individual e coletiva, presente e passado, escrita e oralidade.

Outro aspecto que salta no texto é o retorno à terra natal desejado pelo eu-lírico, que pode ser constatado nos versos “Ele sabe que o regresso / já não é palavra adiada no desfolhar do livro da utopia / agora o tempo é escasso para o reencontro”, delineando um sentimento de pertença em relação ao território santomense. Podemos interpretar nesse sentido considerando às menções feitas ao mar e, logo, às travessias que ele possibilita.

Se se estender todo esse contexto presente no poema para a vida da escritora, fica muito nítido as relações que podem ser estabelecidas. Beja, que atualmente reside em Portugal e que a partir de certo momento começa a dedicar suas obras à ilha de São Tomé e Príncipe, também sentiu a necessidade de retornar à mátria (mãe ilha) para reaver a sua ancestralidade: “as horas adormecidas ao compasso das ondas / volteiam e reacendem / a minha ancestralidade”.

2.2. Lendo o poema *Raízes*

Diferentemente do poema *Ancestralidade* que privilegia verbos no pretérito perfeito, para resgatar as memórias do passado, em *Raízes* observa-se uma organização que acontece majoritariamente no presente do indicativo e, em alguns momentos no gerúndio, como em: “enfeitando”, “transportando”, “repercutindo”. Essa escolha lexical confere ao poema uma sensação de continuidade, de tempo não linear, se aproximando da concepção de *tempo espiralar* de Leda Maria Martins (2021). Um tempo que se desdobra e permanece, reforçando que as memórias ancestrais não pertencem somente ao passado, mas se materializam no presente.

Raízes
Olinda Beja

Há rumores de mil cores enfeitando o espaço
de gorjeios infantis
transportando aquele abraço de anãs juvenis
árias que perduram na mensagem
da nossa voz e da nossa imagem.

São rumores de tambores
repercutindo a esperança de olhares inquietos
toada de lembranças
liturgia de afectos.

São rumores maternais
presos à terra que nos diz
que só o maior dos vendavais
arranca da árvore a raiz[5].

No poema de Olinda Beja emergem diferentes campos semânticos, nos quais destacamos dois: campo semântico da musicalidade e ritmo e campo semântico da memória. No campo semântico da musicalidade, destacam-se termos como "rumores", "tambores", "repercutindo", "árias" e "toada". A utilização desse léxico sonoro, marcado pela repetição, em todos os versos, da consoante "r", sinaliza a todo momento o ruído vibrante que reproduz no nível sonoro a cadência dos instrumentos de percussão, presentes nas manifestações culturais afrodiaspóricas.

A respeito, Martins (2021) expõe que cerimônias e rituais desempenham um papel central na formação das culturas africanas, por funcionarem como espaços de memória, que são capazes de recriar e transmitir saberes que ocorrem por meio da oralidade, dos gestos, dos corpos e das práticas culturais. Portanto, esses ritos são formas de construção de identidade, de preservação e recriação de conhecimentos, atuando como arquivos vivos de memórias dos ancestrais que reverberam no presente.

A musicalidade do poema também se constrói no nível da estrutura por meio do trabalho com rimas toantes (como em enfeit**a**ndo/inf**an**tis nos v. 1 e 2, inqui**e**tos/af**ec**tos nos v. 7 e 9) e rimas consoantes (como em mens**agem**/im**agem** nos v. 4 e 5), esper**ança**/lembr**ança**s nos versos 7 e 8, matern**ais**/vendav**ais** nos v. 10 e 12, d**iz**/ra**iz** nos v. 11 e 13), que conferem ritmo e movimento ao texto.

Ainda tratando dos campos semânticos, tem-se o da memória, que pode ser delineado a partir de palavras e expressões como "rumores", "nossa voz", "nossa imagem", "toada de lembranças" e "raiz", que juntas permitem identificar a memória viva que circula no texto.

[5] **Fonte**: Aromas de Cajamanga, 2009.

A palavra "rumores" é central no poema, apresentando-se nas três estrofes que estruturam o texto. Esses rumores entram em sinestesia com as cores do poema ("Há rumores de mil cores enfeitando o espaço"), transportando as *árias* ou cantigas "que perduram na mensagem / da nossa voz e da nossa imagem", o que permite afirmar que a memória, que atravessa a comunidade, encontra grande ressonância na prática da oralidade.

O uso reiterado do pronome "nossa", no verso acima, indica a importância da coletividade na preservação da memória, o que vai ao encontro do conceito de *escrevivência*, uma vez que a escrita de Beja "extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado" (Evaristo, 2020, p. 38). Isto porque:

> A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade (Evaristo, 2020, p. 35).

A história dessa coletividade reside na metáfora da palavra "raiz", como sendo a memória ancestral que persiste e resiste ao apagamento, aos "vendavais". Logo, as *raízes* que dão título ao poema recuperam essa dimensão simbólica da memória que é perpetuada por meio da reverência à ancestralidade, em um sinal de honra e respeito àqueles que vieram antes.

Para Evaristo (2020), "conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, Escrevivência", o que leva à consideração de que a literatura afrodiaspórica elaborada por Beja não prescinde do valor estético, mas também não se restringe a ele, performando uma poética que resgata e valoriza saberes e subjetividades que por muito tempo foram suplantados pelo discurso do homem branco.

A exemplo disso, os muitos sons produzidos pelas comunidades africanas, que simbolicamente ressoam no poema seja em forma de rimas, seja em forma de palavras que carregam uma semântica sonora, fincam-se na estrutura do poema tal como as raízes (memórias) se ramificam na (re)construção de uma subjetividade afrocêntrica, que é comum tanto ao eu-lírico como à própria escritora, Olinda Beja, uma vez que ambos estão conscientes de sua agência quando da produção do discurso. A respeito disso, Asante afirma:

> A ideia de *conscientização* está no centro da afrocentricidade por ser o que a torna diferente da africanidade. Pode-se praticar os usos e costumes africanos sem por isso ser afrocêntrico. *Afrocentricidade é a conscientização sobre a agência dos povos africanos*. Essa é a chave para a reorientação e a recentralização, de modo que a pessoa possa atuar como agente, e não como vítima ou dependente (Asante, 2009, p. 94).

Beja, ao se voltar para a ilha de São Tomé e Príncipe e dedicar-lhe sua produção literária, assume um compromisso político em seu fazer literário, que é atravessado ainda pela interseccionalidade de raça e gênero, uma vez que sua escrita é feminina e negra. Além disso, falar da ilha em que nasceu e de onde foi tirada, apresentando a mátria ao mundo a partir de sua ancestralidade, traduz-se em um movimento engajado e subversivo, pois desloca o literário para o campo das experiências que são exclusivas ao povo africano e suas diásporas.

O eu-lírico que fala em *Raízes* está todo o tempo enaltecendo os sons africanos, os "rumores", que traduzem uma identidade coletiva atravessada pela memória ("toada de lembranças") e pelo afeto (liturgia de afetos) que é concebido, inclusive, numa dimensão sagrada, porque ritualística. Esses "rumores" estão em relação *simbiótica* com a terra (São rumores maternais / presos à terra que nos diz), traduzindo uma dinâmica respeitosa que o homem africano já mantinha com a natureza antes da chegada do colonizador.

E embora os vendavais possam ser muitos - o colonialismo, o exílio, a diáspora forçada, o apagamento cultural, as "raízes" permanecem fincadas no chão como memória ancestral, recuperando e atualizando, em meio a tempos nublados e abertos, a identidade de uma coletividade que, conforme Hall (2003), não é fixa ou estável, mas está em constante processo de negociação e reapropriação de si mesma, sobretudo quando pensada à luz da afrocentricidade defendida por Asante (2009).

Considerações finais

Conclui-se que a análise dos poemas *Ancestralidade* e *Raízes*, de Olinda Beja, permitiu evidenciar que sua poética se constitui como um espaço de articulação entre memória, ancestralidade e experiência diaspórica, aproximando-se do conceito de *escrevivência* formulado por Conceição Evaristo. Nos textos analisados, a escrita ultrapassa o âmbito individual e se configura como expressão coletiva, na qual a memória ancestral é mobilizada como elemento estruturante e continuamente reinscrita no presente.

No poema *Ancestralidade*, há a construção de um retorno, no qual a memória é recuperada por meio de elementos da natureza, como pelas palavras “mar” e “onda”, podendo ser interpretada como um movimento que é cíclico. Nesse sentido, evidencia-se uma temporalidade não linear, em que passado e presente se entrelaçam, e a memória passa a ser uma experiência viva que se reinscreve continuamente no sujeito poético.

Em *Raízes*, há a constância de elementos que remetem à musicalidade, o uso repetitivo da consoante “r” que alude aos ruídos que vibram dos instrumentos de percussão, presentes nas manifestações culturais afrodiaspóricas. Ao evocar as sonoridades africanas, o eu-lírico expressa uma identidade coletiva permeada pela memória e pelo afeto. A memória ancestral permanece viva no presente, apesar dos processos históricos de apagamento.

Nesse sentido, os poemas ora analisados dialogam com o conceito de *escrevivência,* formulado pela escritora Conceição Evaristo, uma vez que ele pode ser pensado como um fenômeno diaspórico e universal, em que a escrita ultrapassa o âmbito individual e se configura como expressão coletiva de um povo. Desse modo, justifica-se a escolha do recorte adotado nesta pesquisa especialmente ao se considerar o contexto histórico de colonização compartilhado entre Brasil e São Tomé e Príncipe.

Ademais, refletir sobre a renovação da crítica e da teoria literária implica, antes de tudo, reconhecer quais autores têm ocupado “o centro” do campo literário, bem como suas origens e demandas. É por meio desse movimento, necessário e transformador, que, para além de dar visibilidade às literaturas de autoria negra e afrodiaspórica, torna-se possível a construção de um novo pensamento teórico, dotado de ferramentas mais adequadas à análise de tais produções. Tal deslocamento é fundamental tanto no âmbito da produção quanto da recepção dos textos, uma vez que permite tensionar e reconfigurar narrativas hegemônicas, abrindo caminho para a superação da história única ainda recorrente sobre os povos africanos e suas diásporas.

Portanto, a poética de Olinda Beja evidencia um compromisso político e literário com São Tomé e Príncipe, sobretudo ao valorizar a ancestralidade e projetar a ilha no cenário cultural mais amplo. Marcada pelos deslocamentos entre diferentes territórios, sua escrita revela um contínuo retorno às origens, configurando-se como um gesto de reconexão com a memória e suas raízes.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade*: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 93-110.

BEJA, Olinda. *Aromas de Cajamanga*. São Paulo: Escrituras Editora, 2009.

BRAGA, C.R.V. Literatura e diáspora. In: *A literatura movente de Chimamanda Adichie*: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora [online]. Brasília: Editora UnB, 2019, pp. 79-137.

CELP. Entrevista com Olinda Beja. CELP, São Paulo, 05 de junho de 2023. Disponível em: [https://celp.fflch.usp.br/node/1368]. Acesso em 18 nov. 2024.

EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosaldo (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MARTINS, L. M. *Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RIBEIRO, Margarida Calafate; JORGE, Silvio Renato (orgs.). *Literaturas Insulares*: Leituras e Escritas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

RUFINO, Luiz. Desaprender do cânone. *In*: *Vence-Demanda*: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021. p. 13-18.